

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE

CURSO DE PSICOLOGIA

ISABELLA CORDELINO BRANDÃO LEITE

**Contos de fadas e distúrbios alimentares: uma reflexão
psicanalítica sobre a oralidade**

SÃO PAULO

2022

Isabella Cordelino Brandão Leite

**Contos de fadas e distúrbios alimentares: uma reflexão
psicanalítica sobre a oralidade**

Trabalho realizado como projeto de pesquisa para trabalho de conclusão de curso em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob a orientação da Prof.^a Doutora Talitha Ferraz de Souza

SÃO PAULO

2022

AGRADECIMENTOS

A fim de formalizar o encerramento do meu ciclo no ambiente universitário – pelo menos enquanto aluna da graduação – venho, através deste tópico, expressar meus profundos agradecimentos àqueles que compartilharam esta jornada comigo, em especial ao professor Renato Rochwerger e à professora orientadora Thalita Ferraz. Um grande agradecimento também aos amigos que cultivei previamente à Universidade e aos que adquiri ao longo dessa trajetória.

Um parágrafo especialmente para me despedir e agradecer à Associação Atlética Acadêmica João Carvalhaes pelas oportunidades e momentos compartilhados durante os cinco anos inserida na entidade.

Expresso minha gratidão à própria Instituição, que se configura como um espaço constante de debate ético e político. Aos futuros colegas de profissão que tanto admiro, pelas orientações sob a ótica profissional e o manejo ético da profissão, também agradeço: Luciano Buiati e Martha Virgínia.

Por fim, um grande agradecimento à minha família, que sempre me apoiou e acreditou na minha escolha profissional. Em especial à minha tia que ajudou a concretizar esse desejo.

RESUMO

LEITE, I. C. B. **Contos de fadas e distúrbios alimentares:** uma reflexão psicanalítica sobre a oralidade.

O presente trabalho busca estabelecer, por intermédio da ótica psicanalítica de Sigmund Freud e Jacques Lacan, uma reflexão articulando contos de fadas previamente delimitados e a oralidade na anorexia, permitindo uma análise após a revisão bibliográfica deste tema marcada principalmente por Bruno Bettelheim, Diana Corso e Mário Corso.

Palavras-chave: contos de fadas; anorexia; psicanálise; projeção; desenvolvimento; inconsciente; psicopatologia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. MÉTODO.....	08
3. PSICANÁLISE E LITERATURA.....	09
3.1. Psicanálise e contos de fadas.....	10
4. ANOREXIA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA.....	12
4.1. Anorexia: quadro clínico.....	17
5. DISCUSSÃO.....	19
5.1. Análise.....	22
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
ANEXOS.....	31

1. INTRODUÇÃO

O tema do presente trabalho possui como finalidade agrupar dois dos meus interesses pessoais: contos de fadas à luz da psicanálise e psicopatologia. Alimentando minha curiosidade em particular sobre como questões psicanalíticas do desenvolvimento estariam incorporadas em conteúdos que seguem se perpetuando pelo mundo todo, independentemente da cultura.

No início da formulação deste trabalho, visava-se obter uma contribuição para a compreensão da anorexia através da projeção de pacientes sobre contos de fadas pré-determinados. Entretanto, não foi possível concretizar e realizar essa articulação devido às dificuldades de efetuar entrevistas presenciais durante o período pandêmico.

Ainda com o objetivo de abordar o interesse em transtornos alimentares, psicopatologia, psicanálise e contos de fadas, foi sugerida uma revisão bibliográfica sobre tais tópicos, articulando-os entre si, a fim de propor uma reflexão entre a oralidade presente nos contos "Branca de Neve" e "João e Maria", e análises psicanalíticas realizadas sobre a psicopatologia dos transtornos alimentares.

De uma maneira lúdica, o estudo pretende dedicar-se a aspectos psicanalíticos de contos de fadas que podem se relacionar com questões acerca da autoimagem, da pressão sociocultural em relação ao comer ou ao "comer nada", analisando também o papel materno – questionamentos estes que estão fortemente presentes na anorexia. De tal modo que o objetivo do trabalho pode ser descrito através de reflexões propostas entre dois contos de fadas previamente estabelecidos, a oralidade contida nos mesmos e, por vezes, na anorexia restritiva e purgativa, a partir da perspectiva teórico-metodológica da Psicanálise.

(Re)lendo contos de fadas clássicos, juntamente à obra de B. Bettelheim, *A psicanálise dos contos de fadas* (2002), o interesse em realizar o Trabalho de Conclusão de Curso associado a este tema foi despertado, após me deparar com a amplitude da fase oral nessas histórias e demais possíveis análises psicanalíticas.

Muito se tem produzido sobre psicanálise, contos de fadas e psicopatologia, porém, pouco se encontra sobre esses tópicos articulados. Em uma geração em que a importância do lúdico se é conhecida, este trabalho procura iniciar uma aproximação entre a psicopatologia, os contos de fadas e a oralidade.

Início efetuando uma breve apresentação da psicanálise e literatura, através de suas importâncias e semelhanças, reiterando os fundamentos deste trabalho, juntamente com as fantasias e metáforas dos contos de fadas.

Sigo desenvolvendo a relação entre a psicanálise e os contos de fadas, indicando seu surgimento, importância e impacto sobre os indivíduos. Apontando as contribuições que os contos de fadas possuem na elaboração de conflitos e demandas nos quais a criança é submetida ao longo da infância através da estimulação dos recursos internos infantis, pautada na obra de Bettelheim, *A Psicanálise dos Contos de Fadas* (2002).

Além disso, abordo as produções acerca da psicopatologia em questão sob a ótica psicanalítica, apontando a presença de conflitos inconscientes com a mãe e a oralidade na anorexia. Por fim, concluo descrevendo o quadro clínico à luz da psiquiatria para, posteriormente, apresentar os contos de fadas "João e Maria" e "A Branca de Neve" que servem como ponto de partida para a discussão e reflexões sucedidas guiadas pela pulsão oral, a dificuldade em resistir a um desejo incontrolável, o medo da fome, o medo da morte, o amor pela vida.

2. MÉTODO

Estabelecer possíveis reflexões entre contos de fadas e a oralidade presente na anorexia restritiva e purgativa, na perspectiva teórico-metodológica da Psicanálise, com ênfase em S. Freud a partir de uma revisão bibliográfica transcorrendo em um trabalho teórico, usando como base a prevalência da psicopatologia em mulheres a fim de traçar paralelos entre contos de fadas previamente delimitados, a relação com a morte, a comida e a relação materna.

O presente trabalho tem como principais materiais teóricos que permeiam a análise psicanalítica sobre os contos de fadas, a obra *A psicanálise dos contos de fadas* (2002), de Bruno Bettelheim, e *Fadas no Divã* (2006), de Diana Corso e Mário Corso.

Estendendo o método psicanalítico à não-clínica, realizando um levantamento de suas implicações através de uma pesquisa qualitativa de conteúdos cujas relações são únicas e particulares. Por não haver uma prática empírica, as reflexões não são comprováveis em primeira esfera, mas vale ressaltar que apenas um trabalho quantitativo estaria sendo limitador e não estaria de acordo com o método psicanalítico de interpretação, tendo em vista que o objeto de estudo é o inconsciente e a subjetividade partindo da formulação conceitual, permitindo tanto ao leitor, quanto ao autor, o surgimento de significações. (SAMPAIO, 2006; p.243-255).

É neste sentido que este trabalho não possui a intenção de construir e restringir os contos de fada, a anorexia ou as próprias pacientes a um "manual de conduta ao tratamento", mas sim propor uma reflexão psicanalítica sobre a oralidade que permeia tal patologia, de modo a ampliar o acesso ao inconsciente utilizando as histórias.

3. PSICANÁLISE E LITERATURA

Este capítulo possui como objetivo apresentar brevemente ao leitor a importância da psicanálise e da literatura na fundamentação deste Trabalho de Conclusão de Curso.

No texto "Freud e a literatura: fronteiras e atravessamentos" (SAMPAIO, 2004) aborda-se que a produção artística, neste caso, os contos de fadas, são regidos pelo princípio do prazer e carregam consigo metáforas de conceitos psicanalíticos. Como, por exemplo, o Complexo de Édipo, em Branca de Neve, e a pulsão oral em João e Maria.

As obras literárias tangem a psicanálise no que diz respeito à apresentação das regras grupais, à inserção do sujeito em grupos, à diferenciação do eu perante o outro, à apresentação do Complexo de Édipo, ao desfrute do gozo, ao princípio do prazer e da realidade, todos diante de metáforas que crianças e adultos sejam capazes de absorver e perpetuar.

Como coloca em seu texto, C. Sampaio (2004) discorre sobre a literatura atuando como um "outro" que evidencia ao "eu" a diferença entre eles e as Leis que regem a vivência grupal e a própria existência do eu.

O atravessamento entre a psicanálise e a literatura vai muito além de metáforas e conceitos, de modo que é salientado por Freud que suas fontes são as mesmas com demandas e impulsos da consciência e do inconsciente manifestado pelo paciente, pela sede do leitor ou pela produção do autor, que também se constrói e se desdobra por meio da linguagem. (SAMPAIO, 2004).

Não são só semelhanças que aproximam as duas, mas também o entrelaçamento entre a psicanálise e a literatura culminam na metodologia psicanalítica e auxilia na condução teórica – o que podemos ver desde as produções de psicanalistas, até nas metáforas dos mitos e dos contos. (SAMPAIO, 2004).

Ademais, Freud propõe que tanto devaneios, quanto as produções literárias, fornecem um prazer não real, mas satisfatório, que as exigências na realidade não conseguem fornecer, não conseguem ocupar o lugar do gozo. (SAMPAIO, 2004).

É nessa breve relação entre a psicanálise e a literatura que articulo a importância e a semelhança entre as duas, a partir das quais este trabalho foi construído, na perspectiva psicanalítica com base nas fantasias e nas metáforas dos contos de fadas.

3.1. Psicanálise e contos de fadas

Este capítulo carregará consigo uma revisão bibliográfica acerca dos contos de fadas à luz da Psicanálise e sobre a psicopatologia em questão, analisando-a na mesma perspectiva. Para discorrer sobre o primeiro elemento tive como principais materiais os livros *A psicanálise dos contos de fadas* (BETTELHEIM, 2002) e *Fadas no Divã* (CORSO; CORSO, 2006) que abordam o desenvolvimento infantil a partir da perspectiva psicanalítica, afirmando e justificando a importância dos contos de fadas para que as crianças lidem com questões emergentes de seu desenvolvimento.

Assim como as históricas, a criança está sujeita a sentimentos não agradáveis que é incapaz de expressar em palavras, ou só consegue realizá-lo indiretamente, através de medo do escuro, de algum animal e da ansiedade acerca de seu corpo, por exemplo. O conto de fadas, todavia, apreende as angústias e conflitos nomeando-os (a necessidade de ser amado, o medo de uma pessoa não ter valor, o amor pela vida e o medo da morte) e propondo soluções. (BETTELHEIM, 2002).

Com base no livro *A Psicanálise dos contos de fadas* (2022), de B. Bettelheim, os contos de fadas realizam a estimulação e alimentação dos recursos internos da criança para lidar com pressões interiores, ora pouco elaboradas, ora reprimidas, de uma maneira que ela inconscientemente compreende. Para esses conflitos são oferecidas soluções temporárias e permanentes.

Tanto na criança quanto no adulto, o inconsciente age sobre o comportamento. Quando o mesmo encontra-se reprimido diante um conflito e nega-se a introdução de seu conteúdo na consciência, este último ficará em função dos elementos inconscientes ou será exigido que a consciência realize um controle rígido acerca do conteúdo, a fim de não deixá-lo emergir, de forma que "sua personalidade poderá ficar gravemente mutilada". Entretanto, quando o conteúdo inconsciente possui permissão de emergir à consciência e ser elaborado através da imaginação (no caso das histórias), os danos para o sujeito, e do mesmo para com os outros, é reduzido. (BETTELHEIM, 2002).

O surgimento dos contos transcorreu em um momento de pouca segmentação das fases do desenvolvimento, de modo que a infância era breve e logo em seguida o sujeito era inserido na vida adulta, sendo então os contos associados ao público infantil apenas na modernidade. Sua perpetuação ao longo do tempo, no entanto, pode ser atribuída pelo vasto potencial de evocação de questões humanas como o amor pela vida e o medo da morte, adentrando em diferentes culturas e tornando-se cada vez mais conhecidos. (BETTELHEIM, 2002).

Como iniciaria uma história, os trabalhadores cansados de suas atividades, em uma época em que as crianças eram consideradas pequenos adultos e todos atendiam aos requisitos de reis? Os contos de fadas surgiram como forma de entretenimento à corte e a todos que estavam dispostos a se reunir depois do trabalho para ouvir histórias na rua. Ou seja, assim como nos dias atuais, um período em que os indivíduos estavam sedentos por informações sobre como acertar na educação de seus descendentes. (BETTELHEIM, 2002).

Sobre o potencial dos contos de fadas, D. Corso e M. Corso (2006) comentam:

(...) eles tanto podem simplesmente traduzir nossos sofrimentos íntimos, como dar uma forma e uma inclinação a algo que não estava bem definido. Neste sentido, eles ajudam na construção da subjetividade: por um lado, traduzindo o inconsciente em imagens acessíveis e com isso aumentando nosso contato com as fantasias ocultas e, de certo modo, sugerindo pautas para nossas aflições, e ainda fornecendo peças de encaixe para nossa subjetividade em formação (CORSO, D; CORSO, M. 2006, p. 179).

Como defendido por ambos os autores, o conto exerce sua função em qualquer época, justificando que não é um obstáculo sua utilização nos dias atuais, contanto que, como explicado por Bettelheim (2002) e reiterado por Corso (2006) seja disseminado em suas versões mais antigas porque "a inibição quanto ao uso da ficção pode empobrecer um ambiente saudável". Ou seja, que seja apresentada e conservada a trama complexa, com histórias que contém perigos que abarcam os sofrimentos dos seres humanos. No que diz respeito à exposição de conflitos, Bettelheim (2002) compreende que Freud expõe em sua obra que o sentido da existência do ser emana após uma luta contra "desvantagens esmagadoras".

No que tange aos conflitos relacionados à fase oral, Bettelheim (2007) discorre: "a angústia de separação e o medo de passar fome, incluindo a voracidade oral, não estão restritos a um período particular do desenvolvimento". (BETTELHEIM, 2007, p. 24).

Ainda de modo a validar a pertinência do presente trabalho, de acordo com Bettelheim (2002), as crianças se identificam com o herói pelo apelo positivo, não devido à bondade existente na história, mas de tal maneira que sua projeção atua no sentido do ser querer se parecer com a personagem "boa".

No entanto, os efeitos dos contos variam entre cada ser humano, assim como o seu interesse (BETTELHEIM, 2002). Por outro lado, Bettelheim (2002) alerta que as histórias seguras não seriam adequadas a serem apresentadas a quaisquer sujeitos, pois não indicam questões como a morte e o envelhecimento, por exemplo.

4. ANOREXIA SOB A ÓTICA PSICANALÍTICA

"(...) Contestar é ir até o núcleo vazio no qual o ser atinge seu limite e no qual o limite define o ser". (FOUCAULT, 2001, P. 34 *apud* FORTES, 2011).

Dando continuidade ao que foi pontuado acerca dessa patologia na introdução do presente trabalho, aprofundaremos neste subtópico as análises e condições que permeiam a anorexia para a psicanálise. No que a tange, é possível verificar três aspectos ao longo do desdobramento desse quadro clínico. Sendo eles: a recusa do alimento como forma de separação de uma mãe onipresente; aniquilação do próprio desejo; cumprimento de uma regra imposta por um superego que exige o alcance de um ideal. (FORTES, 2011).

Essa forma de separação da mãe é analisada como uma grande dependência do Outro na qual não foi possível existir um arranjo conveniente para a separação entre o sujeito-objeto, deixando a paciente quase que como sem recursos a não ser uma drástica recusa ao desejo do outro. Contudo, essa medida também acaba privando o sujeito de si mesmo, visto que há uma aniquilação do próprio desejo a fim de atingir um ideal utópico de magreza incessante. (BRUSSET, 1999, p. 55 *apud* FORTES, 2011).

A tentativa de separação do Outro e de repressão ao próprio desejo de comer opera também paralelamente a uma recolocação do Outro, do corpo e da sexualidade como objetos parciais de modo que o processo de emagrecimento ocorre através do colapso entre a sexualidade e a função nutritiva. O "querer absoluto" impõe o limite ao desejo do Outro e sustenta-o como um Outro, um corpo e uma sexualidade controlados. (ASSOUN, 1983 *apud* FORTES, 2011).

À luz da psicanálise, entretanto, a anorexia não é um quadro clínico do século XXI, tampouco designada pela psiquiatria atual, já que em Freud e Lacan é possível encontrar relatos e análises acerca da psicopatologia em questão, de modo que os autores traçam um posicionamento de que existe o desejo de comer e o gozo da privação do alimento. (FUKS; POLLO, 2010).

Na leitura que Fuks e Pollo (2010) realizam da obra freudiana, é colocado que a anorexia e a bulimia não deixam de ser uma oposição à cultura e ao sistema capitalista vigente, cujo foco é o consumo. Afirma-se também que a psicopatologia tratada neste trabalho possui laço com a melancolia, já que a perda de apetite pode se relacionar com a perda de libido. Para o autor,

quando a jovem recusa a ingestão do objeto forçado pelo outro, fica evidente a tentativa de manter o desejo vivo.

Em Lacan, todavia, as anoréxicas sofrem um aprisionamento à demanda do Grande Outro Materno e resistem a descobrir o que pode significar o ato de comer e, ao dar continuidade a essa recusa, o ato de comer conduz a paciente a "comer nada", como definido pelo autor. Para além dessa perspectiva, a psicopatologia em Lacan não deve ser atribuída como causa, pois se estabelece como consequência da relação da paciente com o Grande Outro. (FUKS; POLLO, 2010).

A demanda imposta pelo Grande Outro, que atribui a si um grande saber sobre os cuidados da paciente, na verdade afastam-na com raiva. De modo que o desejo é sustentado pelo não desejar, deixando de consumir para instaurar uma falta no Outro materno. (FUKS; POLLO, 2010).

Através dos relatos clínicos de diversos autores psicanalíticos, como Freud, Lacan e Bidaud, a atuação clínica psicanalítica evidencia, cada vez mais, que o ato de comer pode não se limitar a uma manifestação da libido oral, mas também se relaciona com a pulsão de morte.

A recusa à ingestão do alimento não está vinculada apenas a um ideal de beleza imposto pelo capitalismo e pela cultura, de um corpo magro. Em alguns casos, esses argumentos estão atuando em conjunto com os demais pontuados acima, ou podem mesmo estar ausentes. Mas o quadro psicopatológico na clínica psicanalítica estará configurado pela recusa neurótica à castração do Outro, ou a recusa à vida. (FUKS; POLLO, 2010).

No texto *Um caso de cura pelo hipnotismo* (1892-1893/1969), no "rascunho G", Freud traça características acerca da anorexia, descrevendo-a como um modo de melancolia, uma "neurose nutricional". De modo que tal transtorno seria, a princípio, uma sexualidade não desenvolvida, cuja perda do apetite descreve-se como, na verdade, perda da libido. (FUKS; POLLO, 2010).

(...) A neurose nutricional paralela à melancolia é a anorexia. A famosa anorexia nervosa das moças jovens, segundo me parece (depois de cuidadosa observação), é uma melancolia em que a sexualidade não se desenvolveu. A paciente afirma que não se alimenta simplesmente porque não tem nenhum apetite; não há qualquer outro motivo. Perda do apetite - em termos sexuais, perda da libido. Portanto, não seria muito errado partir da ideia de que a melancolia consiste em luto por perda da libido (FREUD, 1892-3, p. 283 *apud* FUKS; POLLO, 2010, p. 151).

A anorexia se difere da bulimia e da obesidade no que diz respeito à manifestação do sujeito acerca da demanda que lhe confronta (nesse caso, o padrão de beleza e a fala do outro sobre a importância de ingerir alimento). O sujeito doente em questão não se apresenta através

de uma queixa, ao contrário do obeso que emerge com o objetivo de transformar sua relação com a comida. (DUNKER, 2016).

Sobre a etiologia desse transtorno, a anoréxica se apropria da ideia de ser contra a ingestão de alimento como uma maneira de abrir um vazio na demanda imposta pelo outro, resultando em uma exclusão pulsional pelo outro e voltando-se ao prazer de contemplar-se a si mesma. Não sendo então, importante ficar magro pelo outro, mas sim uma exigência narcísica criada que se autoalimenta (DUNKER, 2016).

O narcisismo e a falta são dois conceitos que rondam esse transtorno. O primeiro porque a função terceira do outro de dizer sobre a importância de ingerir alimentos é descaracterizada pela apreciação da anoréxica ocorrer com o outro imaginário, com seu espelho ou com aqueles que fazem parte do mesmo grupo da doença. Não se trata da experiência da perda do apetite, mas a transferência da demanda (interna por questões fisiológicas e externas por pressão social), caracterizando-se como uma luta moral por um exagero da regra do magro como belo e do próprio capitalismo como consumo, abdicando completamente do gozo de comer. (DUNKER, 2016).

Antes de aprofundarmos em Lacan, é necessário retornar a Freud, assim como o próprio autor o fez, a fim de adentrar aos primórdios da anorexia, no qual este segundo atribui tal patologia a um luto, uma constante busca do que foi perdido – neste caso, a vida pulsional – devido a uma "neurose nutricional", que causa ao sujeito uma anestesia histórica evidenciada pela repulsa à ingestão de alimento.

Sob a ótica psicanalítica, nessa psicopatologia não existe luta contra a fome, cessação da demanda e nem desafio ao outro, mas sim uma defesa contra o desejo do outro, como postulado por Freud em *O Homem dos Lobos*, *rascunho G* e no caso *Emmy Von N.* (CARDOSO, 2016).

A esse processo, Freud expõe a anorexia como “uma neurose que exprime a recusa sexual mediante a anorexia; é lícito estabelecer sua relação com essa fase oral da vida sexual.” (FREUD, 1917-20, p.94).

Ademais, no que se trata das obras completas de Freud (1917-1920), referente à fase oral, o autor expõe o "distúrbio de apetite" como uma angústia que pode englobar a falta de apetite ou a supercompensação do mesmo – como é o caso das anoréxicas – fruto de uma não dominação da excitação sexual, paralelamente a uma regressão e uma possível apreensão de ter seu desejo e autonomia arrebatado pelo outro.

Ao desenvolver a Teoria da Sexualidade, Freud (1901-1905) propõe a fase oral como o ponto de início para o desenvolvimento da sexualidade do sujeito, apresentando que a mesma

pode ser representada através dos primeiros anos de vida da criança, onde o indivíduo elege um objeto de desejo externo (o seio materno, neste caso) e, posteriormente, um objeto de desejo voltado a si mesmo (como, por exemplo, o ato de chupar o dedo). Para, por fim, ao longo de duas vivências, projetar seus desejos por vezes autocentrado, por vezes nos demais.

Todavia, no *Seminário IV* (1956-57) de Lacan, há a retomada de conceitos essenciais de Freud para o aprofundamento da anorexia postulando no texto que em tal patologia ocorre a inversão da atividade simbólica da mãe que seria sucumbir à satisfação da necessidade de ingerir o alimento (no plano real). Nesta inversão, entretanto, a mãe fica à mercê da criança. Sendo, portanto, o alimento como objeto do plano real que faz parte da dialética entre a função simbólica – invertida – da mãe de sanar o desejo da filha.

Para Lacan, o nada é um objeto que não se restringe a uma fase específica, mas transita sobre todo corpo pulsional e está presente nas neuroses obsessivas, nas fobias e na histeria, apesar de conterem diferentes funções. O autor trata sobre a anorexia no *Seminário IV* ilustrando que a considera paradigmática, pois o nada em tal psicopatologia está em função do gozo, não como causa do desejo, tendo em vista que a recusa ao alimento configura-se como uma exigência para que o Outro conceda à menina sua própria falta, ao invés de alimentá-la com "amor excessivo". (CARDOSO, 2016).

À dialética da menina para com a mãe nessa patologia, Lacan (1956-57) discorre:

(...) É no nível do objeto anulado como simbólico que a criança põe em xeque a sua dependência, e precisamente alimentando-se de nada. É aí que ela inverte sua relação de dependência, fazendo-se, por esse meio, o mestre da onipotência ávida de fazê-la viver, ela que depende da onipotência. A partir daí, é ela quem depende por seu desejo, é ela quem está à sua mercê, à mercê das manifestações de seu capricho, à mercê da onipotência de si mesma. (LACAN, 1956-7/1995, p. 190).

O desejo de não carecer da mãe detém um papel central na anorexia. Nessa situação o sujeito suspende qualquer vínculo com o outro para evitar dependência, mas ao impor essa separação aos demais, também acaba sofrendo com o próprio corpo, sendo a negação e o luto manifestado pelo próprio corpo. A negação do desejo, a recolha de sua própria demanda, o luto pela não manifestação da demanda e, por fim, pela barreira construída em relação ao outro. (ASSOUN, 1983 p.136 *apud* FORTES, 2011). Como Mannoni (1970) diz, "a anorexia, neste contexto, não é exatamente uma 'doença', mas a única forma que o indivíduo encontra para nascer enquanto sujeito desejante, fora do desejo da mãe". (MANNONI, 1970).

Fortes (2011) discorre sobre duas formas de analisar a anorexia sob a perspectiva psicanalítica: como aniquilação de qualquer desejo, ou como um sintoma que, através da

negação, emerge e sustenta uma resistência para afirmação do próprio desejo mediante uma formação sintomática.

Para fomentar ainda mais a base psicanalítica deste trabalho, no vídeo *Qual é a relação da psicanálise e transtornos alimentares?* (2016), de Christian Dunker, a anorexia é apresentada a partir de uma demanda transferencial, que geralmente é verbalizada pelo Outro, de modo que o doente em si não expõe uma queixa. A demanda da anoréxica emerge como uma invasão que a está acometendo como forma de controle, muitas vezes fortalecida pelos médicos, amigos e cultura. Como reação, portanto, a paciente insere um vazio no Outro para aniquilar a demanda que lhe foi imposta. Com isso, entretanto, ocorre a exclusão pulsional pelo outro, a exclusão da sexualidade e uma fixação pela imagem de si mantido por uma própria autogestão de seu narcisismo, que pode ser evidenciada pela relação com o espelho, pela fascinação com seu eu imaginário e com o grupo que compartilha do mesmo quadro clínico. No que diz respeito à lei, de acordo com o autor, a psicopatologia é incorporada pelo sujeito como um exagero; se o estabelecido é o magro, então serei muito magra; se o Outro me impõe uma demanda, vou recusar completamente essa demanda.

Complementando ainda com a ideia discorrida por J. Lacan no *Seminário IV, A relação com o objeto* (1956-57, p.24-39) é exposto que na relação primordial da tríade imaginária o objeto se apresenta em busca do objeto perdido, de forma que o objeto é sempre um objeto redescoberto cujo sujeito estabelece uma relação ilusória que consiste em se aproximar cada vez mais da morte de si mesmo, de um indivíduo no qual o desejo está aniquilado; jogo no qual o Outro é mantido, mas não sabe o lugar que ocupa e é indiretamente golpeado, já que está submetido às leis do imaginário na relação dual real em que o desfecho para o conflito é a recusa à incorporação fálica do objeto.

A relação com a psicopatologia está estabelecida pela tríade imaginária exposta por Lacan (1956-57, p.24-39) e que, como visto pelos demais autores acima, está permeada também pela cultura, amigos e equipe multidisciplinar. Tal troca é regida tanto pelo princípio do prazer, quanto pelo princípio da realidade, tendo em vista que o primeiro não se exerce de maneira menos real que o princípio da realidade, ambos manifestam-se conjuntamente no real e no simbólico. De modo que o princípio da realidade é transposto pela falta real evidenciada na privação, enquanto a frustração é associada ao princípio do prazer como manifestação da falta simbólica.

Podemos, inclusive, ir além e resgatar o que foi ditado por V. Pollo e B. Fuks nos *Estudos psicanalíticos sobre a anorexia: quando se come "nada"* (2010) que nos arredores da tríade apresentada por Lacan no parágrafo acima, o capitalismo também está envolvido na anorexia na atualidade, de modo que existe constantemente um apelo ao consumo. Em resposta, o sujeito realiza um movimento de oposição à cultura e ideia do consumo como uma tentativa de manter seu próprio desejo e subjetividade.

A relação com o Outro detentor do saber, que é traduzida pela anorexia, tem o "nada" como separador entre o Eu e o Outro quando se come nada (RECALCATI, M. *apud* POLLO, V.; FUKS, B., 2010). Comendo "nada", o sujeito se torna o próprio "depósito de desejo", o próprio vazio.

(...) comer pode não ser apenas uma manifestação da libido oral, mas também da pulsão de morte...a anorexia está exatamente no limite entre o funcionamento homeostático prazer/desprazer no qual se pode tolerar determinado acúmulo de tensão e uma modalidade de gozo, que pode ser letal." (POLLO, V.; FUKS, B., 2010).

4.1. Anorexia: quadro clínico

A anorexia nervosa pode ser caracterizada como um distúrbio alimentar com dois subtipos – restritivo ou purgativo, que possuem prevalência em mulheres jovens que detêm um grande medo de engordar, acompanhado de uma distorção da autoimagem corporal e suspensão da ingestão de alimentos. Os principais sintomas do transtorno são: anorexia; medo excessivo de engordar; visão distorcida do próprio corpo; depressão; síndrome do pânico; comportamentos obsessivos-compulsivos e parapica. (DALGALARRONDO, 2000).

As anoréxicas restritivas realizam jejuns e exercícios, enquanto as purgativas fazem o uso de laxantes, provocam vômitos e ingerem remédios que inibem o apetite. Estes dois subtipos existentes podem alternar, mas nunca ocorrem juntos. Vale ressaltar também que esse transtorno é caracterizado por uma busca pela magreza, não pela beleza, de modo que mesmo quando a desnutrição é atingida, como por exemplo na caquexia, a paciente ainda exhibe o desejo incessante de emagrecimento. (DALGALARRONDO, 2000).

Além disso, alguns fatores e profissões favorecem o aparecimento da doença, como pressão social e alterações neuroquímicas cerebrais. No que diz respeito às profissões, existem atuações que são consideradas como grupo de risco, que é o caso das bailarinas, atletas e modelos. Entretanto, o desenvolvimento dos Transtornos Alimentares é encarado sob a ótica

biopsicossocial, cujos fatores amplamente culturais e biológicos são influenciadores. (DALGALARRONDO, 2000).

O distúrbio possui cerca de 5% a 20% de taxa de mortalidade, sendo enquadrado em um dos mais altos pelo DSM-V (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*; 2014), podendo chegar em um alto grau de desnutrição que necessita internação e atuação multidisciplinar para reinserir o sujeito à sociedade, devolvendo-lhe o funcionamento dos órgãos vitais; cessando a ansiedade; tratando a distorção da imagem corporal e reintroduzindo a ingestão de alimentos, através de acompanhamento com nutricionistas, psiquiatras e psicólogos, podendo haver a implementação de antidepressivos para o aumento de apetite e diminuição dos comportamentos obsessivos-compulsivos. Para realizar o diagnóstico, pode-se avaliar a presença dos sintomas citados, além da negação da gravidade do quadro clínico.

O transtorno alimentar em questão retém maior incidência na puberdade, período marcado por mudanças corporais e maior contato com a pressão cultural vigente, de modo que a preocupação com a magreza e o comportamento compensatório podem aparecer como forma de canalizar as preocupações com a identidade, uma maneira de lidar com as pressões de ser introduzida a um grupo, se separar dos pais e estar sujeita a uma pressão estética social. No âmbito da imagem corporal, a paciente pode negar o baixo peso ou superestimar sua forma corporal, podendo responder bem a questionários de satisfação corporal no primeiro caso, por exemplo.

5. DISCUSSÃO

Este tópico pretende uma discussão mais pormenorizada dos contos "A Branca de Neve" e "João e Maria", que merecem destaque por serem clássicos dos Irmãos Grimm e apresentarem ao longo da história uma forte relação com a figura materna e, por vezes, com alimentos e seu significado em cada um. Para que a análise seja completa, apresento ao leitor os relatos de tais contos:

A Branca de Neve

O conto clássico de Branca de Neve, escrito em 1812 pelos Irmãos Grimm, conta a história de uma rainha que se furou enquanto tecia e, ao pingar três gotas de seu sangue na neve, exclama que quer ter uma filha branca como a neve, vermelha como o sangue e preta como as bordas da janela. Foi então que ao dar à luz a uma princesa exatamente com essas características, com o nome de Branca de Neve, a rainha morreu.

Um ano depois o rei se casa novamente com uma mulher muito bela e orgulhosa, que perguntava diariamente a um espelho mágico quem era a mais bela e ele respondia que era a nova rainha. Certo dia, porém, ele responde que apesar da rainha ser linda, Branca de Neve era a mais bela que existia. Diante dessa informação, a rainha exige que o caçador leve a princesa para a floresta, a mate e traga como prova de seu trabalho o pulmão e o fígado da vítima. O caçador, entretanto, não teve coragem de matar uma jovem tão bela após as súplicas da menina e promessa de que ela fugiria. O homem então, matou um filhote de javali e entregou à madrasta os órgãos pedidos. A mulher, todavia, os cozinhou e ingeriu com satisfação.

A menina, por outro lado, correu com medo pela floresta até se deparar com uma casa cheia de objetos pequenos. Com muita fome e cansada, Branca não quis acabar com a comida de algum integrante, então consumiu um pouco dos sete pratos que estavam feitos sob a mesa. Posteriormente, foi procurar uma das sete camas para deitar, mas algumas eram pequenas demais, ou grandes demais. Até que a sétima cama serviu perfeitamente.

Enquanto a princesa estava dormindo, os anões chegaram do trabalho nas minas de ouro e ficaram assustados ao reparar que alguém tinha entrado em sua casa. Acenderam uma vela e viram uma bela jovem dormindo. Tão perplexos com sua beleza, não quiseram acordá-la e foram dormir. No dia seguinte, a menina acordou assustada e foi questionada pelos anões do por que estava ali e respondeu que sua madrasta queria matá-la. Os moradores, entretanto, se

sensibilizaram e disseram que caso ela deixasse tudo limpo e organizado, poderia morar lá e não lhe faltaria nada. Branca de neve aceitou a proposta.

Enquanto isso, ao indagar o espelho sobre quem era a mais bela, ele relatou que Branca de Neve ainda era a mais bela e que habitava a casa dos sete anões na floresta. A rainha, com raiva, vai até o local do castelo onde praticava bruxaria e se disfarçou de comerciante de tecidos. Foi até a casa dos anões enquanto os mesmos estavam nas minas, ofereceu seus produtos à menina, que aceitou e desmaiou após a madrasta sufocá-la ao apertar o espartilho.

Após a saída da madrasta, os anões chegaram e salvaram a princesa, alertando-a que aquela era a rainha disfarçada, para não deixar ninguém entrar. No outro dia, contudo, a rainha questionou novamente o espelho e ele respondeu que Branca de Neve continuava viva e que era a mais bela. A rainha, cheia de raiva, se disfarçou novamente e enfeitiçou um pente, oferecendo penteado à princesa, que resistiu à entrada da velha, mas foi persuadida. Entretanto, após o pente encostar em seus cabelos, a menina desmaiou e a madrasta foi embora. Os anões, ao se depararem com Branca no chão, observaram o pente em seus cabelos, desconfiaram da rainha e o retiraram. A menina recobrou a consciência e lhes contou o que tinha acontecido.

No dia seguinte a madrasta questiona o espelho, que relata a beleza de Branca de Neve. A rainha então, com muita raiva, envenena uma maçã, se disfarça e vai oferecê-la à princesa que reluta aceitar qualquer coisa de estranhos, mas é novamente persuadida pelo discurso da velha e a aparência suculenta da fruta. Então, convencida pelo discurso da madrasta de que ela comeria a metade vermelha – que estava envenenada – enquanto a velha comeria a metade branca, Branca leva a maçã à boca e desmaia prontamente. Após a rainha sair comemorando, os anões chegaram e acharam a princesa, a colocaram em um caixão de vidro com detalhes em ouro para que todos pudessem ver sua beleza no meio da floresta.

Certo dia, um príncipe estava andando pela floresta até que se deparou com o caixão e ofereceu dinheiro aos anões para que levasse o caixão consigo, porque estava apaixonado pela mulher. Os anões negaram, até que o príncipe implorou para que lhe concedesse o caixão como um presente, prometendo os melhores cuidados. Os anões aceitaram e, ao realizar o deslocamento do caixão pela floresta, tropeçaram fazendo com que Branca de Neve cuspsse um pedaço da maçã que estava entalada em sua garganta e voltasse à vida. Com todos felizes, o príncipe declarou seu amor e eles marcaram um casamento.

A rainha, como de costume, foi questionar o espelho quem era a mais bela e ele respondeu que ela era muito linda, mas que a nova rainha era mais bela. A madrasta ficou com muita raiva e foi ao casamento ver quem seria a nova rainha. Ao chegar lá se deparou com

Branca de Neve, que a reconheceu e a madrasta foi punida sendo obrigada a calçar sapatos de ferro em brasa e dançar com eles até a morte.

João e Maria

Publicada originalmente em 1812 pelos Irmãos Grimm, a história retratava as dificuldades das famílias da Idade Média, que abandonavam ou matavam seus filhos em decorrência da dificuldade de sustentar a família. Nessa versão, morava em uma casa próxima a floresta uma mãe, um pai, um irmão mais velho e uma irmã mais nova. Devido às dificuldades financeiras, a mãe expressava ao pai a necessidade de abandonar as crianças na floresta, para que o casal não morresse de fome. O pai relutava contra a ideia, mas certo dia cedeu às vontades de sua amada.

Quando amanheceu, foram colher e cortar lenha na floresta com seus pais, e foi então que estes os abandonaram na floresta. Entretanto, João, o filho mais velho, ouviu na noite anterior sua madrasta conversando sobre o plano de abandono com seu pai, o que lhe deu a ideia de jogar pedaços de pedra no caminho para a floresta, para que soubesse voltar para a casa. E assim foi feito: as crianças retornaram no dia seguinte e se depararam com a felicidade do pai que estava arrependido, e com a raiva de sua mãe pelo plano ter falhado.

No dia seguinte, portanto, a família foi novamente à floresta, o casal abandonou mais uma vez as crianças, que tinham jogado migalhas de pão pelo caminho, mas que não conseguiram voltar para a casa guiados por essas migalhas, por causa dos passarinhos que comeram tudo. Andaram a noite toda pela floresta a fim de achar o caminho de volta, mas apenas acharam uma casa feita de pão de ló e, por estarem famintos, passaram a comer pedaços da casa. Até que a moradora, uma velha, saiu e perguntou “Quem os trouxe aqui? Entrem, que nenhum mal há de acontecer”.

A velha, então, preparou uma comida e camas quentinhas para as crianças, que ficaram felizes com a recepção, sem imaginar que a velha era, na verdade, uma bruxa má que alimentava as crianças que ali chegavam e as comia, após cozinhá-las. No dia seguinte que chegaram, a bruxa colocou João no chiqueiro e mandou Maria preparar comida para seu irmão que estava preso, com o intuito de engordá-lo para comer. Seguindo as ordens, todo dia Maria cozinhava as melhores comidas para João, enquanto a mesma comia apenas algumas patas de caranguejo. Além disso, todos os dias a bruxa também ia checar se o menino tinha engordado, pedindo para a criança mostrar o dedo. João, contudo, aproveitou-se da dificuldade da velha de enxergar e mostrava um osso que tinha no local.

Com o passar do tempo, observando que João não engordava, a bruxa ficou impaciente e mandou Maria esquentar o forno e a água para cozinhá-lo assim mesmo. A intenção da velha, entretanto, também era assar Maria, pedindo que a menina entrasse no forno para checar se a temperatura estava boa para assar pães. Maria, contudo, notou a intenção da bruxa e disse não saber como fazer, irritando-a e fazendo com que demonstrasse. Assim que a bruxa se pôs à frente do forno, Maria lhe empurrou para dentro e a velha queimou até a morte. Em seguida foi correndo libertar seu irmão do chiqueiro, contando com que a bruxa não estava mais viva.

Os dois irmãos, cheios de felicidade, colocaram em seu bolso pérolas e pedras preciosas que estavam pela casa e foram correndo pela floresta para voltar para a casa. Na volta, porém, se depararam com um rio largo e não havia nenhuma maneira de atravessá-lo. Foi então que avistaram uma pata e pediram que o animal os levasse até o outro lado. A pata concordou e ao chegar do outro lado da floresta, caminharam mais um pouco e avistaram sua casa, foram correndo ver o pai e lhes mostraram as preciosidades encontradas. O pai que, desde o abandono das crianças, nunca mais tivera um dia feliz, ficou muito contente com a volta dos filhos e, para a alegria dos três, a madrasta tinha morrido e as finanças não seriam mais um obstáculo.

5.1. Análise

Após concluída a apresentação dos dois contos de referência, lhes apresento a análise baseada a partir da percepção de que os contos podem auxiliar a criança a elaborar a fase oral, tendo em vista o sentido psicológico já existente e particular de cada história, a fim de propor uma compreensão acerca das angústias às quais a criança é submetida, podendo abordar de uma maneira lúdica sobre questões de fixação oral, atentar-se a um desejo primitivo e conflitos inconscientes com a mãe, por exemplo. Permitindo então, ajudar na construção da estrutura psicológica do sujeito em desenvolvimento, evitando uma possível má elaboração de conflitos referentes à fase oral e a figura materna, que podem estar presentes na anorexia sob a ótica psicanalítica.

Em "João e Maria", o conto reforça o medo do abandono, presente nas mentes infantis. Durante a primeira infância podemos dizer que a mãe representa toda fonte de alimentação para o filho e, quando a progenitora direciona os desejos para si mesma, e não mais para a criança, o filho leva a crer que a mãe é rejeitadora. Ou, como no conto, quando a mãe não está mais disponível para alimentá-los, a percepção dos filhos é de que foram abandonados.

Ao longo da história, João arremessa migalhas de pão na floresta, com o intuito de lembrar o caminho de casa – ato sem sucesso, tendo em vista que os pássaros devoram o

alimento. Essa estratégia desesperada da criança pode ser relacionada como uma "corda salva-vidas", de modo que o alimento, nesta cena, pode auxiliá-lo a encontrar o lugar a qual pertence, em uma ação independente, ou em caso de fracasso, pode significar a privação e o abandono, como ocorre ao se perder na floresta junto de sua irmã. Deixando evidente, portanto, o caráter limitador das fixações em níveis primitivos.

"João e Maria" dá expressão simbólica às experiências ligadas à mãe, de modo que a figura paterna conserva-se um personagem secundário e passivo, fazendo alusão ao início da vida do bebê, onde a presença e permanência da mãe se faz crucial para o desenvolvimento nas perspectivas ameaçadoras ou benéficas.

No que diz respeito à analogia entre a fase oral e o conto em questão, João e Maria regridem oralmente na cena em que devoram a casa de broa de gengibre no momento em que estão consumidos por um desejo incontrolável, sem se importar ou refletirem acerca do fato de que estão comendo o que lhes daria abrigo e segurança, além de não atentarem à má consequência que tiveram após os pássaros devorarem as migalhas de pão, servindo de exemplo sobre essa impulsividade.

Uma analogia feita por Bettelheim (2002) entre a bruxa e a figura materna, é que ambas fornecem a felicidade e nutrição através da oralidade (como, por exemplo, o fato da bruxa atribuir à Maria a função de engordar seu irmão, oferecendo-lhe comida), mas que, assim como no conto, a criança se sente enganada pela mãe a partir do momento que a mesma começa a voltar-se para seus próprios desejos.

Tendo o masculino como uma figura passiva e as mulheres como forças inimigas no conto, como a madrasta e a bruxa, existe uma importância da Maria ser a principal personagem para conquistar a liberdade e a felicidade da família, transmitindo a mensagem que uma figura feminina pode ser destruidora, mas também libertadora.

Vale ressaltar também a importância da mensagem transmitida às crianças que a bruxa do conto é uma figura da qual ela pode se ver livre, a partir do momento que é exposta a possibilidade de empurrá-la para o forno, seguindo então para a liberdade e rumo à independência. Além disso também existe o simbolismo da fome e da bruxa devoradora, representados no conto pela casa da família e pela floresta, respectivamente (de modo que, no primeiro, as crianças eram privadas de alimento, mas tinham uma figura de amor; enquanto no segundo, tinham acesso ao alimento, mas privação de contato entre si e o medo de serem devorados).

Sob a perspectiva psicanalítica do conto João e Maria, apresento uma relação entre a anorexia descrita no presente trabalho, a partir dos aspectos orais e das figuras femininas da

história. Tanto no conto, quanto na anorexia purgativa, é possível notar o desejo incontrolável pela comida e, portanto, a fixação em um desejo primitivo.

Ainda discorrendo sobre a fase oral, a passagem do conto que Bettelheim faz alusão a estratégia de João utilizar migalhas de pão como forma de construir um caminho para voltar para a casa, o termo usado como "corda salva-vidas" pode ser aplicado também como uma metáfora, no caso das anoréxicas, que consomem o alimento, mas que estão inseridas em um quadro clínico no qual o próprio ato de comer, o próprio alimento se configura como sua salvação é sinônimo de recuperação das funções orgânicas, mas também, para a paciente, se enquadra no sinônimo de punição e fracasso.

Assim como o conto, no diagnóstico de anorexia a figura paterna também detém uma imagem secundária, de modo que os conflitos inconscientes e a fixação oral, a busca pela magreza e a recusa ao desejo do outro está intimamente ligada à figura materna.

Além disso, é plausível estabelecer uma relação entre a figura materna na anorexia, com o feminino e a bruxa presente no conto em questão, tendo em vista que essas três figuras possuem a imagem vinculada à nutrição dos demais – de modo que a mãe é responsável pela nutrição da criança, por exemplo – e que, na anorexia, a paciente se coloca em um local de submissão de desejo do outro, caso consuma o alimento (assim como Maria é submetida ao desejo da bruxa ao enviar comida para seu irmão, enquanto João também é submetido ao desejo da mesma quando ingere o alimento).

Do mesmo modo que a Maria detém um papel importante enquanto personagem que pode ser libertadora e destruidora ao mesmo tempo, a própria anoréxica também possui esse papel, sendo a principal agente na autossabotagem que está presente no diagnóstico em constantes privações e punições, mas também como o sujeito que, com o auxílio de profissionais, pode ressignificar a introjeção do alimento e o valor atribuído à busca pela magreza. Ou seja, assim como a mensagem final do conto de que existe uma bruxa, que impõe seus desejos, na qual as crianças podem se ver livres, existe um diagnóstico que pode ser tratado e ressignificado.

Por outro lado, a relação entre "A branca de Neve" e a anorexia explora aspectos diferentes do diagnóstico. Nessa história o sangue é colocado por Bettelheim como uma pré-condição para o nascimento, de modo que o sangramento está ligado a este acontecimento feliz, enquanto no diagnóstico o sangue é faltante, indicando um estado de gravidade que acompanha as mulheres anoréxicas pela falta da menstruação.

A figura da madrasta na história consulta constantemente o espelho para medir e validar o seu valor através da beleza, assim como a anoréxica. Contudo, vale ressaltar que o papel

atribuído ao espelho possui caráter punitivista, de autossabotagem para a paciente, reforçando a distorção de imagem – podendo ser relacionado com a cena do conto em que o espelho conta à madrasta que ela não é a mais bela do reino, que sua beleza foi substituída.

No que diz respeito ao conflito edípico, em "A Branca de Neve", o mesmo é dramatizado com a figura materna como competidora, ao invés de recalcado. Propondo uma relação entre essa análise e a anorexia, o conflito edipiano nesta última é retratado pela constante recusa ao alimento como forma de não se submeter ao desejo da mãe.

Sob a ótica do desejo, Bettelheim analisa que a personagem sucumbe ao mesmo quando cede às propostas da rainha disfarçada. Essa entrega ao desejo acima de qualquer risco também pode ser observada na anoréxica ao privar-se do alimento mesmo comprometendo a saúde orgânica e até mesmo quando ingere a comida, mas cede à autossabotagem como maneira de compensação do desejo.

Por fim, Bettelheim pontua que a rainha poderia ter matado a personagem, caso fosse seu desejo. Entretanto, o objetivo era impedir que a beleza da menina a superasse, reduzindo-a à imobilidade. É possível associar essa análise com a fragilidade do corpo no quadro clínico da anorexia, decorrente de sua gravidade, onde a paciente pode chegar a um estado de imobilidade devido ao comprometimento das funções orgânicas, falta de nutrientes e necessidade de diminuição do gasto energético.

Em uma breve reflexão acerca do conto "Cachinhos Dourados", Bettelheim (2002, p.306-307) expõe o incômodo da personagem em se identificar em um local que é colocado constantemente na narrativa que não é adequado para a menina, da mesma forma que ela não se adequa nas tentativas recorrentes, de modo que a criança tenta encontrar nutrição e conforto e se depara com alimentos e locais impróprios. De modo que "o mingau do pai é muito quente e sua cadeira é muito dura", o mingau da mãe "é muito frio e sua cadeira muito macia" e o lugar do bebê Urso parece se adequar perfeitamente, até o assento ser quebrado quando a criança senta.

Em "Branca de Neve" também, a maçã não representa apenas sucumbir ao desejo, ou seja, uma manifestação da libido oral, mas também uma manifestação da pulsão de morte, tendo em vista que a princesa já havia sido alertada pelos anões sobre os perigos do contato com o mundo externo enquanto estivesse sozinha.

Já em "João e Maria", por outro lado, podemos traçar uma relação no que se trata da recusa neurótica à castração do Outro, no momento em que o menino persiste em enganar a bruxa sobre seu peso, lhe mostrando ossos, ao invés de seu verdadeiro braço.

A partir das críticas e ressalvas nas obras *A psicanálise dos contos de fadas* (BETTELHEIM, 2002) e *Fadas no Divã* (CORSO; CORSO, 2006), pude selecionar algumas categorias de contos que poderiam agregar na proposta deste trabalho, tais como: contos denominados amorais, que trazem a certeza de que é possível obter sucesso acreditando na possibilidade de vencer as derrotas. Histórias que retratam a relação com a comida, o medo da fome, o medo da morte, o amor pela vida e, por fim, que apontam o corpo como própria fonte de segurança para o sujeito, como por exemplo, em "Rapunzel", no momento em que descobre que seus cabelos poderiam ocupar um papel de salva-vidas. Ou seja, histórias que propõem uma elaboração de conflitos cujo sujeito é confrontado ao longo do seu desenvolvimento.

Tendo em vista que os contos de fadas notificam os ouvintes e fornecem elaborações para os desejos primitivos, as fixações, o medo do abandono, a possibilidade de encontrarem um desfecho para os conflitos, tratam sobre a constante luta entre o bem *versus* o mal, poderiam os contos de fadas servir para auxiliar no tratamento multidisciplinar da anorexia? Propondo a elaboração para tais conflitos que permeiam o quadro clínico, trazendo à tona para o consciente tais conteúdos, que seriam manejados.

Vale reiterar também que com o passar do tempo o uso e sentido dos contos foram sendo modificados. Neste caso, caberia a reflexão se haveria sentido introduzir um novo uso para as histórias, tendo como base os contos em suas tramas originais, já que os mesmos contribuem para a elaboração e acomodação de conteúdos que antes eram geradores de angústias, poderiam vir a ser então um tratamento concomitante para o transtorno alimentar em questão?

As histórias podem estabelecer uma elaboração das angústias e conflitos daquele sujeito já que é possível tangenciar uma realidade que aborda o esfacelamento e a reconstrução do corpo através de contos em que a morte é simbólica, mas que ao final gera uma nova existência, como retratado pela afirmação de Corso e Corso (2006), "se morre simbolicamente, o rito deixa marcas no corpo ou inclui alguma ação sobre o corpo". (CORSO; CORSO, 2006).

Sob a mesma lógica, na ficção os heróis saem sozinhos do interior dos monstros ou dos eventos assustadores, buscando a vida. A ideia de morte no clímax da situação perigosa da história permanece, embora os desdobramentos se voltem para o (re)nascimento. Contos que ilustram essa situação podem ser aproximados com o papel da mãe na anorexia que impede a passagem para o desenvolvimento. Também a quase morte pode ser relacionada com a evolução do tratamento no ponto de vista que "não é um morto quem vai nascer, é um não-vivo, ou um vivo invisível" (CORSO; CORSO, 2006) de modo que o risco paira sob o sujeito, mas existe a possibilidade de enfrentamento e êxito.

A partir do desdobramento deste trabalho foi possível analisar e concluir que os contos de fadas podem fornecer elaborações acerca das questões que tangenciam o desenvolvimento infantil. Desde a relação materna, o Complexo de Édipo, o desdobramento e os resquícios do Complexo de Édipo, até os desejos, fixações primitivas e angústias nas quais o sujeito se depara ao longo do crescimento. Como foco deste trabalho, todavia, foram delineados com mais ênfase os aspectos orais e os desejos primitivos presentes nas duas histórias apresentadas, onde, por vezes, foram traçados paralelos sobre os mesmos aspectos e desejos presentes na anorexia. Concluindo, portanto, a relevância dos contos de fadas para a elaboração inconsciente de conflitos através da fantasia e promovendo o questionamento referente à possível utilização dos contos de fadas para uma elaboração dos conflitos inconscientes presente no diagnóstico da anorexia.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabelecido para este tópico a avaliação do processo, interpreto-o como um estudo intenso e interessante acerca de temas que possuo afeição. Contudo, vale ressaltar que, assim como qualquer projeto, este também contém limitações, como, por exemplo: a falta de referências que já realizaram reflexões entre contos de fadas e transtornos alimentares, assim como a impossibilidade em estabelecer uma causa e consequência sobre uma relação abstrata em um diagnóstico subjetivo. Reconheço, por isso, uma dificuldade em falar sobre o tratamento da anorexia diretamente e afirmar uma relação para com os contos de fadas.

Chegando ao final da análise deste trabalho percebo que essa reflexão sobre os aspectos psicanalíticos presentes na análise dos contos de fadas, atrelado à anorexia, detém elementos que podem servir como base para um estudo futuro. Tenho certeza que as relações estabelecidas poderiam ser melhor compreendidas em um mestrado.

A presente pesquisa teve por objetivo a relação entre dois contos de fadas pré-estabelecidos e a oralidade, realizando, por vezes, reflexões que possibilitaram relações para com a anorexia. Os contos de fadas, sob a ótica psicanalítica, fornecem elaboração para os conflitos inconscientes, de acordo com Bettelheim (2002). As breves relações estabelecidas entre contos de fadas, psicanálise e anorexia nos levam a pensar sobre a vitalidade e potência dos temas atrelados, considerando que associações pessoais de sujeitos, assim como estudos pré-existentes, poderiam ter enriquecido a análise. Portanto, faz-se essencial que o interesse e a valorização do trabalho com contos de fadas, transtornos alimentares e oralidade sejam estimulados, tendo em vista que, como apontado no decorrer do trabalho, as histórias disseminam mensagens aos ouvintes e são perpetuadas por anos, retratando contextos históricos e culturais diferentes, mas também conflitos humanos atemporais.

Após a apresentação e análise dos contos, foi possível realizar articulações acerca da oralidade sob a ótica psicanalítica e as mensagens particulares de cada conto sobre a elaboração de conflitos já citados, como por exemplo: medo do abandono, conflitos inconscientes com a figura materna, o desejo incontrolável de comer e os perigos de sucumbir ao desejo.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de Arlene Caetano. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BONAVENTURE, Jette. **O que Conta o Conto**. São Paulo: Paulus, 1992.
- CARDOSO, Jaqueline Pinto. **Anorexia e identificação: um modelo epidemiológico em psicanálise**. 2016. Dissertação (MESTRADO EM PSICOLOGIA) - UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, [S. l.], 2016.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã: A psicanálise nas histórias Infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas do Sul, 2000.
- DUNKER, Christian. **Qual é a relação da psicanálise e transtornos alimentares?**. Youtube, 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dcVpNG7Mgsc>>. Acesso em 15 jun. 2021.
- FREUD, Sigmund. (1895b). **Rascunho G. Melancolia**. In: Obras completas de Sigmund Freud, v.1. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, Sigmund. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição Standard Brasileira das obras completas, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund. (1918 [1914]). **História de uma neurose infantil: O Homem dos Lobos**. In: História de uma neurose infantil: (O Homem dos Lobos): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). Trad. e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FUKS, Betty B.; POLLO, Vera. **Estudos psicanalíticos sobre anorexia: quando se come “nada”**. Revista Latino Americana de Psicopatologia, v. 13, n. 3, p. 412-424, São Paulo, 2010.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. (1812). **Joãozinho e Margarida**. Trad. anônima. Portugal. Disponível em: <<https://www.grimmstories.com/pt/grimm-contos/joao-e-maria>>. Acesso em jan. 2022.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. (1812). **Branca de Neve**. Trad. Editora Wish. Brasil. Disponível em: <<https://www.editorawish.com.br/blogs/contos-de-fadas-originais-completos-e-gratuitos/branca-de-neve-irmaos-grimm-1812>>. Acesso em jan. 2022.
- LACAN, Jacques. (1956-57). **O Seminário, livro 4: A relação de objeto**. Trad. Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.
- POLLO, Vera. (2000). **Quando se come “nada”: A resposta anoréxica**. In Marraio: A criança e o laço social (pp. 65-78). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.

RECALCATI, Massimo. (2001) **Os dois nada na anorexia**. Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise.

ROBELL, Suzanne. **A mulher escondida: a anorexia nervosa em nossa cultura**. São Paulo: Summus, 1997.

SAMPAIO, Camila Pedral. (2006). **Algumas ideias sobre pesquisa em psicanálise**. Jornal de Psicanálise, 39(70), 243-255.

SAMPAIO, Camila Pedral. **Freud e a literatura: fronteiras e atravessamentos**. In: Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 38, n. 4, 2004.

ANEXOS

Anexo A

Joãozinho e Margarida (1812)

Irmãos Grimm

Em frente a uma grande floresta morava um pobre lenhador com a mulher e dois filhinhos; o menino chamava-se Joãozinho e a menina Margarida. Tinham pouco com que se alimentar, e, sobrevivendo na cidade uma grande carestia, nem mesmo o pão de cada dia conseguiram mais.

Numa dessas noites, quando atormentado pelas preocupações não conseguia dormir e ficava revirando inquieto na cama, entre um suspiro e outro, disse à mulher:

- Que será de nós? Como alimentaremos nossos filhinhos, se nada temos nem para nós?

- Escuta aqui, meu caro marido, - respondeu ela - amanhã cedo, levaremos as crianças para o mais cerrado da floresta, aí lhes acenderemos uma fogueira e lhes daremos um pedaço de pão para que se alimentem; depois iremos para o nosso trabalho e os deixaremos lá sozinhos; eles não conseguirão encontrar o caminho de casa e assim ficaremos livres deles.

- Não, mulher, isso não posso fazer. Se abandonar meus filhos sozinhos na floresta, não tardarão as feras a devorá-los, como poderei viver depois?

- És um tolo, isso sim. Teremos de morrer os quatro de fome e não te resta se não aplinar as tábuas para os nossos caixões.

Contudo, não deu sossego ao pobre marido até ele concordar.

- Mas as pobres crianças causam-me uma pena imensa! - repetia ele.

As crianças também, de tanta fome, não conseguiam dormir; assim ouviram tudo o que a madrasta dizia ao pai. Chorando amargamente, Margarida disse a Joãozinho:

- Está tudo acabado para nós!

- Não te aflijas, - respondeu Joãozinho - não tenhas medo, eu sei o que hei de fazer.

Assim que os velhos adormeceram, Joãozinho levantou-se bem de mansinho, vestiu o paletó, abriu a porta da frente e escapuliu para fora. A lua resplandecia diáfana e os seixos branquinhos cintilavam diante da casa como se fossem moedas recém-cunhadas. O menino apanhou e meteu nos bolsos quantos pôde. Depois voltou para casa e disse a Margarida:

- Tranquiliza-te, querida irmãzinha, e dorme sossegada; Deus não nos abandonará.

E deitou-se novamente.

Ao amanhecer, antes ainda do sol raiar, a mulher acordou as crianças, dizendo:

- Levantem-se, seus vadios. Vamos catar lenha na floresta.

Deu um pedaço de pão a cada um e disse:

- Eis aqui para o vosso almoço; mas não deveis comê-lo antes do meio-dia, se não nada mais tereis que comer depois.

Margarida guardou o pão no avental pois Joãozinho estava com os bolsos cheios de pedras. Em seguida, encaminharam-se todos rumo à floresta. Tendo caminhado um certo trecho, Joãozinho parou e voltou-se a olhar para a casa; fez isso repetidas vezes, até que o pai, intrigado, lhe perguntou:

- Que tanto olhas, Joãozinho, e por que ficas sempre para trás? Vamos, apressa-te.

- Ah, papai, - disse o menino - estou olhando para o meu gatinho branco, que, de cima do telhado, está acenando para mim.

- Tolo, não é o teu gato - interveio a mulher; - não vês que é o sol da manhã brilhando na chaminé?

Mas Joãozinho não olhava para gato nenhum; era apenas um pretexto para, todas as vezes, deixar cair no caminho uma das pedrinhas brilhantes que trazia no bolso.

Quando, finalmente, chegaram ao meio da floresta, disse-lhes o pai:

- Juntemos um pouco de lenha, meninos, vou acender uma fogueira para que não fiquéis enregelados.

Joãozinho e Margarida juntaram uma boa quantidade de gravetos e ramos secos, com os quais acenderam a fogueira; assim que as chamas se elevaram, disse-lhes a mulher:

- Deitai-vos juntos do fogo, meninos, enquanto nós vamos rachar lenha; uma vez terminado o nosso trabalho, viremos buscar-vos.

Joãozinho e Margarida sentaram-se perto do fogo e, ao meio-dia, cada qual comeu o seu pedaço de pão. Ouvindo os golpes do machado, julgaram que o pai estivesse aí por perto; mas não era o machado, era simplesmente um galho que ele havia amarrado a uma árvore seca e que batia sacudido pelo vento. Ficaram muito tempo sentados junto do fogo, depois, pelo cansaço, foram-se-lhes fechando os olhos até adormecerem profundamente. Quando despertaram, era já noite avançada. Margarida pôs-se a chorar com medo.

- Como sairemos agora da floresta?

- Espera um pouco - disse-lhe Joãozinho para a consolar - espera até surgir a lua, aí encontraremos o caminho.

Não tardou, apareceu a lua resplandecente. Joãozinho tomou a irmãzinha pela mão e juntos foram seguindo as pedrinhas, que brilhavam como moedas novas e lhes indicavam o caminho. Andaram a noite toda; ao despontar da aurora, chegaram à casa paterna. Bateram à porta e, quando a mulher abriu, vendo os dois na sua frente, disse, muito zangada:

- Crianças malvadas, por que dormistes tanto na floresta? Até pensamos que não querieis mais voltar para casa.

O pai, ao contrário, alegrou-se ao vê-los, pois remoía-o o remorso por tê-los abandonado lá sozinhos.

Assim passou um certo tempo. Depois a miséria tornou a invadir a casa e, uma noite, quando estavam deitados, os meninos ouviram a madrasta dizer ao pai:

- Já comemos tudo o que havia em casa, só nos resta meio pão, e com ele acaba a ração. É necessário que as crianças se vão embora; desta vez, porém, os conduziremos mais para o embrenhado da floresta, a fim de que não encontrem o caminho para voltar. Não nos resta outra solução.

O homem sentiu confranger-se-lhe o coração e ia pensando: "Seria melhor que repartisses teu último bocado com teus filhos"; e relutava em concordar. A mulher, porém, não queria dar-lhe ouvido e censurava-o asperamente. Ora, quem diz A deve também dizer B e desde que havia cedido da primeira vez, viu-se forçado a ceder da segunda. As crianças, que ainda estavam acordadas, ouviram toda a conversa. Assim que os velhos adormeceram, Joãozinho levantou-se novamente para sair de mansinho, como da outra vez,

para catar os seixos lá fora; mas a madrasta havia trancado a porta e ele não pôde sair. Entretanto, consolou a irmãzinha, dizendo-lhe:

- Não chores Margarida, dorme sossegada; o bom Deus nos há de ajudar.

Ao raiar do dia, na manhã seguinte, a madrasta tirou as crianças da cama. Cada um deles recebeu um pedaço de pão, ainda menor que da vez anterior. Em caminho para a floresta, Joãozinho esfarelou-o no bolso e, de quando em quando, parava a fim de, jeitosamente, deixar cair as migalhas.

- Que tanto olhas para trás, Joãozinho, e por que te demoras? - perguntou o pai.

- Estou olhando para o meu pompinho que está a dizer-me adeus de cima do telhado.

- És um tolo, - disse a mulher - não vês então que não é o teu pompinho, mas sim o sol nascente, que brilha na chaminé.

Entretanto, o menino fora esparramando, pouco a pouco, as migalhas pelo longo do caminho.

Dessa vez a madrasta conduziu as crianças ainda mais para o interior da floresta, para um lugar em que jamais haviam estado. Acenderam, novamente, uma grande fogueira e ela disse-lhes:

- Ficai aqui, quietinhos, meninos. Quando estiverdes cansados, deitai-vos e dormi um pouco; enquanto isso, nós iremos rachar lenha e, à tarde, ao terminar nosso trabalho, viremos buscar-vos.

Ao meio-dia, Margarida repartiu seu pedaço de pão com Joãozinho, que havia espalhado o dele pelo caminho. Depois adormeceram e anoiteceu; mas ninguém foi buscá-los. Acordaram quando ia alta a noite e a menina pôs-se a chorar. Joãozinho consolou-a, dizendo:

- Espera até surgir a lua, aí então veremos as migalhas de pão que espalhei e por elas encontraremos o caminho de casa.

Quando surgiu a lua, levantaram-se, mas não encontraram mais nem uma só migalha; os passarinhos, que andam por toda parte, tinham comido todas. Joãozinho então disse à Margarida:

- Não tem importância, havemos de encontrar o caminho de qualquer maneira.

Não encontraram o caminho e caminharam toda a noite e mais um dia inteiro sem conseguir sair da floresta. Estavam com uma fome tremenda, pois só tinham comido algumas amoras, e tão cansados que as pernas não se aguentavam mais; então, deitaram-se debaixo de uma árvore e adormeceram.

Era já a terceira manhã, depois que haviam saído da casa do pai; retomaram novamente o caminho, mas cada vez se embrenhavam mais pela floresta a dentro e, se ninguém viesse em seu socorro, certamente acabariam morrendo de fome.

Ao meio-dia, avistaram um lindo passarinho, alvo como a neve, pousado num galho; cantava tão maviosamente que os meninos pararam para ouvi-lo. Quando acabou de cantar, saiu a voar na frente deles, que o foram acompanhando, e assim chegaram a uma casinha onde o passarinho foi pousar no telhado. Chegando bem perto, viram que a casinha era feita de pão de ló e coberta de torta, com janelinhas de açúcar cândi.

- Mãos à obra! - exclamou satisfeito Joãozinho - podemos fazer uma excelente refeição. Eu comerei um pedaço do telhado e tu, Margarida, podes comer um pedaço da janela; é doce.

Joãozinho ergueu-se na ponta dos pés, estendeu as mãos e arrancou um pedaço de telhado para provar que sabor tinha. Margarida, aproximando-se dos vidros da janela, pôs-se a lambiscá-los. Então, de dentro da casa, saiu uma vozinha estridente:

- Rapa, rapa, rapinha. Quem rapa a minha casinha?

Os meninos responderam:

- O vento, sou eu. O filho do céu.

E continuaram comendo, sem se perturbar. Joãozinho, que achava o telhado delicioso, arrancou um belo pedaço e Margarida apoderou-se de um vidro inteiro, redondo; sentou-se no chão e comeu-o deliciada.

Mas, de repente, abriu-se a porta e num passo trôpego saiu uma velha decrépita, apoiada numa muleta. Joãozinho e Margarida assustaram-se de tal maneira que deixaram cair o que tinham nas mãos. A velhinha, porém, meneando a cabeça, disse-lhes:

- Ah, meus queridos meninos, quem vos trouxe aqui? Entrai e ficai comigo, aqui nenhum mal vos acontecerá.

Pegou-os pela mão e levou-os para dentro da casinha. Aí serviu-lhes uma deliciosa refeição, composta de leite e bolinhos, maçãs e nozes; depois foram preparadas para eles duas lindas caminhas, muito limpas e alvas; Joãozinho e Margarida, muito cansados, deitaram-se, julgando estar no céu.

A velha fingia ser muito boa, mas na verdade era uma bruxa muito má, que atraía as crianças; para isso havia construído a casinha de pão de ló. E, quando caía em suas mãos alguma criança, ela matava-a, cozinhava-a e comia-a, e esse dia era para a bruxa um dia de festa.

As bruxas são, geralmente, míopes e têm os olhos vermelhos, mas são dotadas de um olfato muito agudo, como os animais, o que lhes permite presentir a chegada de criaturas humanas. Portanto, quando Joãozinho e Margarida se aproximaram da casa, ela riu sarcasticamente, dizendo com os seus botões: "Estes caíram em meu poder, não me escaparão mais."

Pela manhã, bem cedinho, antes que os meninos acordassem, levantou-se e foi espiá-los. Vendo-os bochechudos e coradinhos, a dormir como dois anjinhos, murmurou: "Que petisco delicioso vou ter!" E agarrando Joãozinho com seus dedos aduncos, levou-o para um chiqueirinho, trancando-o dentro das grades de ferro; e de nada lhe adiantou gritar e espernear.

Depois foi ter com Margarida. Com um safanão, despertou-a e gritou:

- Levanta-te, preguiçosa! Vai buscar água e prepara uma boa comidinha para teu irmão, que está preso no chiqueirinho e deve engordar. Pois, assim que estiver bem gordinho, quero comê-lo.

Margarida desatou a chorar amargamente. Mas seu pranto foi inútil e teve mesmo de fazer o que lhe ordenava a perversa bruxa.

Margarida, então, preparava os manjares mais requintados para Joãozinho, enquanto ela não recebia mais do que algumas cascas de caranguejos para comer. Cada manhã a velha arrastava-se até junto da grade e dizia:

- Joãozinho, mostra-me teu dedinho, quero ver se está gordinho!

Joãozinho, porém, mostrava-lhe sempre um ossinho e a velha, que era extremamente míope, não podendo ver direito, julgava que fosse o dedo do menino, ficando muito admirada por ele nunca engordar. Passadas quatro semanas, visto que Joãozinho continuava sempre magro, perdeu a paciência e resolveu não esperar mais.

- Vamos, Margarida, - ordenou à menina - traz água depressa; gordo ou magro não importa, matarei assim mesmo Joãozinho e amanhã o comerei.

Como chorou a pobre irmãzinha ao ter de trazer a água! Como lhe corriam abundantes as lágrimas pelas faces!

- Ah, Deus bondoso, ajuda-nos! - implorava ela. - Antes nos tivessem devorado as feras no meio da floresta! Pelo menos teríamos morrido juntas!

- Deixa de lamentações, - gritou-lhe a velha - elas de nada adiantam.

Pela manhã, bem cedinho, Margarida teve de ir buscar água, encher o caldeirão e acender o fogo.

- Primeiro vamos assar o pão, já preparei a massa, - disse a bruxa - e já acendi o forno. Empurrou a pobre Margarida para perto do forno do qual saíram grandes labaredas.

- Entra lá dentro, - disse a velha - e vê se já está bem quente para poder assar o pão.

Assim, pensava a bruxa, quando Margarida estivesse lá dentro, fecharia a boca do forno, e a deixaria assar para comê-la também. A menina, porém, adivinhando sua intenção, disse:

- Eu não sei como se faz! Como é que se entra?

- Tonta, estúpida, - disse a velha - a abertura é bastante grande, olha, até eu poderia entrar!

Assim dizendo, abeirou-se da boca do forno, aproximando a cabeça. Margarida, então, com um forte empurrão fê-la entrar dentro e fechou rapidamente a porta de ferro com o cadeado.

Uh! Que berros horríveis soltava a bruxa! Margarida, porém, saiu correndo e a velha acabou morrendo, miseravelmente queimada.

Chegando ao chiqueirinho, a menina abriu a portinhola, dizendo ao irmão:

- Joãozinho, corre, estamos livres; a velha bruxa morreu.

Joãozinho então saiu pulando, alegre como um passarinho ao lhe abrirem a gaiola. Com que felicidade se abraçaram e beijaram, rindo e dançando? Como nada mais tinham a temer, percorreram a casinha da bruxa e viram espalhadas pelos cantos grandes arcas cheias de pérolas e pedrarias preciosas.

- Estas são bem melhores do que os seixozinhos! - disse Joãozinho, enquanto ia enchendo os bolsos até não poder mais.

- Também eu, - disse Margarida - quero levar um pouco disso para casa. - E foi enchendo o avental.

- Agora vamo-nos embora daqui, - disse Joãozinho - temos que sair da floresta da bruxa. Após terem andado durante algumas horas, chegaram à margem de um rio muito largo.

- Não é possível atravessá-lo, - disse Joãozinho

- Pois não vejo ponte alguma.

- Nem mesmo um barquinho, - disse Margarida,

- mas olha, aí vem vindo uma pata branca; se lhe pedirmos, ela certamente nos ajudará a atravessar.

Pôs-se a chamá-la:

- Patinha, patinha. Cá estão João e Guidinha. Não podemos passar. Queres nos levar?

A pata acercou-se da margem e Joãozinho sentou-se-lhe nas costas, dizendo à irmãzinha que também sentasse, bem juntinho dele. Mas Margarida respondeu:

- Não, ficaria muito pesado para a boa patinha, é melhor que ela nos transporte um de cada vez.

Assim fez a boa patinha; e quando, felizmente, chegaram ao outro lado, depois de caminhar um bom percurso, o bosque foi-se tornando sempre mais familiar até que por fim viram a casa paterna. Deitaram a correr em sua direção, e lá chegando, precipitaram-se para dentro, onde se lançaram ao pescoço do pai, cobrindo-o de beijos.

O pobre homem nunca mais tivera uma hora feliz desde que abandonara as crianças no meio da floresta. A mulher (para felicidade de todos) havia morrido. Então Margarida sacudiu o avental, deixando rolar pelo chão as pérolas e as pedras preciosas; Joãozinho acrescentou todo o conteúdo de seus bolsos.

Acabaram-se todos os sofrimentos e preocupações e, desde esse dia, viveram os três contentes e felizes pelo resto da vida.

"Minha história acabou, um rato passou, quem o pegar, poderá sua pele aproveitar."

Anexo B

Branca de Neve (1812)

Irmãos Grimm

Certo dia, no mais frio do inverno, quando flocos de neve do tamanho de penas pendiam do céu, uma rainha estava costurando, sentada perto de uma janela com moldura de ébano. Enquanto costurava, olhou para a neve, espetando o dedo na agulha, e três gotas de sangue caíram sobre a neve alvíssima.

O vermelho era tão bonito sobre o branco da neve que a rainha exclamou:

— Gostaria de ter uma filha branquinha como a neve, com a boca vermelha como o sangue e os cabelos tão negros como a moldura de ébano da minha janela.

Pouco tempo depois, deu à luz uma menininha que era branca como a neve, tinha os lábios vermelhos como o sangue e os cabelos negros como o ébano. Por isso, recebeu o nome de Branca de Neve. A rainha morreu logo após o nascimento da criança.

Um ano depois, o rei se casou com outra mulher. Era uma belíssima dama, porém muito orgulhosa e arrogante, não tolerava a ideia de que alguém pudesse ser mais bonita do que ela. Possuía um espelho mágico e, sempre que ficava diante dele para se admirar, perguntava:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Ó, Rainha, sois de todas a mais bela.

Então, ela sorria feliz, pois sabia que o espelho sempre falava a verdade.

Branca de Neve estava crescendo e a cada dia ficava mais e mais formosa. Quando chegou à idade de sete anos, ficou tão bonita quanto o dia brilhante e mais bela do que a própria rainha. Um dia, a madrasta perguntou ao espelho:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Minha Rainha, sois muito bela ainda, mas Branca de Neve é mil vezes mais linda.

Ao ouvir estas palavras, a rainha começou a tremer e seu rosto ficou verde de inveja. A partir daquele momento, passou a odiar Branca de Neve. Sempre que seus olhos pousavam nela, sentia seu coração frio como uma pedra. A inveja e o orgulho brotaram como ervas daninha em seu coração. De dia ou de noite, ela não tinha um momento de paz.

Um dia, chamou o caçador e ordenou:

— Leve a menina para a floresta. Nunca mais quero vê-la novamente. Traga-me seus pulmões e seu fígado como prova de que a matou.

O caçador obedeceu e levou a princesinha para um passeio na floresta. Em certo momento, Branca de Neve virou de repente e se deparou com o caçador com uma faca na mão, pronto para desferir-lhe um golpe mortal. Inocente, começou a chorar e a suplicar:

— Ai, querido caçador, poupe minha vida. Eu prometo correr para a floresta e nunca mais voltar.

Branca de Neve era tão bonita que o caçador teve pena dela e disse:

— Fuja, pobre criança.

Os animais selvagens irão devorá-la antes do tempo, pensou. E sentiu como se um grande peso fosse tirado de seu peito, pois não queria matar a menina. Naquele instante, passou ali um filhote de javali e o caçador o matou a estocadas, retirando em seguida seus pulmões e seu fígado para levá-los à rainha. Retornando ao palácio, entregou os órgãos à perversa que, exultante de satisfação, levou pessoalmente ao cozinheiro, dando-lhe instruções para fervê-los em salmoura. Depois de preparados, a rainha os comeu, pensando que estava se alimentando dos restos mortais da enteada.

Neste ínterim, a pobre menina vagava sozinha na vasta floresta. Estava muito assustada e começava a escurecer. Cada árvore e cada galho parecia tomar formas fantasmagóricas. Desesperada, pôs-se a correr cada vez mais adentro, embrenhando-se na mata, passando sobre pedras pontiagudas e arbustos espinhosos. De vez em quando, feras passavam por ela, mas não lhe faziam mal. Ela corria tão apavorada que mal sentia as pernas.

Ao cair da noite, viu ao longe uma pequena cabana e entrou para se abrigar. Nessa casa, todas as coisas eram minúsculas, mas tudo indescritivelmente limpo e organizado. Havia uma mesinha com sete pratinhos sobre uma toalha muito branca. Cada pratinho tinha uma colher pequena e, ao lado, sete garfinhos e sete faquinhas, sem esquecer as sete canequinhas. Sedenta e com fome, Branca de Neve comeu algumas verduras, um pouco de pão de cada pratinho e tomou um gole de vinho de cada canequinha. Do outro lado, viu sete caminhas enfileiradas e, extenuada por tantas emoções, tentou deitar nelas, mas parecia não lhe caber. A primeira era muito longa, a segunda muito curta, já a sétima caminha era perfeita. Então, ela fez sua oração e adormeceu profundamente.

Estava escuro lá fora quando os donos da casa retornaram. Eram sete anões garimpeiros que passavam o dia nas montanhas, escavando a terra em busca de minérios. Acenderam suas sete lanterninhas e, quando a casa se iluminou, perceberam que alguém tinha estado lá, pois nem tudo estava do jeito que tinham deixado.

O primeiro anão perguntou:

— Quem sentou na minha cadeirinha?

O segundo perguntou:

— Quem comeu no meu pratinho?

O terceiro perguntou:

— Quem comeu o meu pãozinho?

O quarto perguntou:

— Quem comeu minhas verdurinhas?

O quinto perguntou:

— Quem usou meu garfinho?

O sexto perguntou:

— Quem cortou com a minha faquinha?

O sétimo, enfim, perguntou:

— Quem bebeu na minha canequinha?

O primeiro anão olhou ao redor, reparou que seu lençol estava amassado, e disse:

— Quem subiu na minha caminha?

Os outros vieram correndo e cada um gritava: “Alguém dormiu na minha cama também”. Até que os olhos do sétimo anão caíram sobre sua pequena cama e viram Branca de

Neve ali, dormindo. Começou a gritar, chamando os outros que prontamente acudiram e ficaram tão assombrados que todos ergueram suas sete lanterninhas para ver melhor Branca de Neve.

— Meu Deus, meu Deus! – exclamavam boquiabertos. — É a mais bela criança que já vimos!

Os anões ficaram tão encantados com a princesinha que resolveram não acordá-la e deixaram-na dormindo na caminha. O sétimo anão dormiu por uma hora com cada um de seus companheiros durante a noite.

Pela manhã, Branca de Neve acordou. Quando viu os anõezinhos em volta de sua cama, olhando para ela, ficou bem assustada, mas eles foram muito amáveis e perguntaram:

— Qual é o seu nome?

— Meu nome é Branca de Neve – ela respondeu.

— Como você chegou à nossa casa?

Branca de Neve contou tudo que lhe acontecera, de como a madrasta mandou matá-la e como o caçador poupou sua vida. Contou que saiu correndo pela floresta por várias horas até chegar à cabana deles.

Os anões lhes disseram:

— Se cozinhar, arrumar as camas, lavar, costurar, tricotar e manter tudo limpo e organizado, pode ficar conosco, e nós vamos dar-lhe tudo que precisa.

— Sim, com prazer – ela respondeu.

Desde esse dia, Branca de Neve passou a cuidar da casa para os anões. De manhã bem cedo, eles saíam para trabalhar no alto das montanhas em busca de ouro e prata. Ao cair da noite, voltavam e encontravam um gostoso jantar prontinho, à espera deles. Como a menina passava os dias sozinha, os bons anões recomendaram seriamente:

— Cuidado com sua madrasta. Em breve, ela vai saber que você está aqui. Não deixe ninguém entrar na casa.

A rainha, porém, acreditando que havia comido os pulmões e o fígado de Branca de Neve, estava certa de que agora era a mulher mais linda do mundo. Foi até o espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— És sempre bela, minha Rainha. Mas na colina distante, cercada por sete anões, Branca de Neve ainda vive e floresce, e sua beleza jamais foi superada.

Ao ouvir essas palavras, a rainha ficou abismada, pois sabia que o espelho era encantado e por isso não podia mentir. Depois, quase explodiu de tanto ódio ao compreender que o caçador a enganara e que Branca de Neve continuava viva. Não perdeu tempo e, cheia de inveja, pôs-se imediatamente a maquirar uma maneira de se livrar dela.

Desceu aos porões do castelo onde costumava praticar feitiçaria e, utilizando seus conhecimentos de bruxa, ficou irreconhecível, tornando-se semelhante a uma velha. Nesse disfarce, viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões. Lá chegando, fingiu ser uma vendedora e anunciou:

— Belas mercadorias, preço excelente.

Ouvindo isso, Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Bom dia, minha senhora. O que você tem para vender?

— Coisas boas, coisas bonitas – a bruxa respondeu. — Os mais finos cordões para corpete. – E puxou rendas e tecidos de seda de muitas cores.

Eu posso deixar esta boa mulher entrar, pensou Branca de Neve e, correndo o ferrolho da porta, comprou o cordão mais bonito.

A bruxa, muito esperta, disse:

— Ó, minha filha, você é tão bonita, mas está tão desarrumada. Venha, deixe que eu arrume o cordão para você.

Branca de Neve, completamente inocente, colocou-se diante da velha e deixou que ela lhe arrumasse. A perversa apertou tanto o cordão e tão depressa que Branca de Neve ficou sem fôlego e caiu desmaiada, como se estivesse morta.

— Agora quero só ver quem é afinal a mais bela de todas – disse a velha, que logo saiu correndo.

Não demorou a anoitecer e os sete anões voltarem para casa. Quando entraram, deram com sua amada Branca de Neve estendida no chão e ficaram horrorizados. Ela não se movia, e eles acreditavam que ela estivesse morta. Ergueram-na para colocá-la sobre a cama, quando perceberam o cordão do corpete fortemente amarrado e, então, o cortaram em dois. A princesinha começou a respirar e pouco a pouco voltou à vida. Quando os anões souberam o que tinha acontecido, advertiram:

— A velha vendedora era a rainha disfarçada. Tome mais cuidado e não deixe ninguém entrar, a menos que estejamos em casa.

Assim que chegou ao castelo, a primeira coisa que a rainha fez foi dirigir-se ao espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu como sempre fazia:

— Aqui está a mais bela, minha Rainha querida. Branca de Neve ainda vive e floresce e sua beleza jamais foi superada.

Ao ouvir as palavras do espelho, a rainha ficou possessa de raiva e o sangue gelou em suas veias.

— Mas desta vez – ela disse –, vou sonhar com algo que irá destruí-la.

Usando toda bruxaria em seu poder, ela criou um pente envenenado. Então, mudou de roupa e se disfarçou mais uma vez como uma velha mulher. Viajou para além das sete colinas, até a casa dos sete anões, bateu à porta e gritou:

— Belas mercadorias, preço excelente.

Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Vá embora, não posso deixar ninguém entrar.

— Mas você pode pelo menos dar uma olhada – disse a velha, que tirou o pente envenenado e ergueu-o no ar.

A princesinha gostou tanto que, completamente inocente, abriu a porta. Quando acordaram o preço, a velha afirmou:

— Agora vou dar ao seu cabelo um bom penteado.

A pobre Branca de Neve não suspeitou de nada e deixou a mulher seguir em frente. Assim que o pente tocou seus cabelos, o veneno fez efeito e a menina caiu sem sentidos no chão.

— Você está acabada – disse a malvada mulher, correndo para longe.

Felizmente, os anões estavam a caminho da cabana, pois era quase noite. Quando chegaram, viram Branca de Neve no chão como se estivesse morta e suspeitaram da madrasta imediatamente. Ao examiná-la, descobriram o pente envenenado. Logo que o puxaram, Branca de Neve recobrou à vida e disse-lhes o que tinha acontecido. Novamente, avisaram-na para não para abrir a porta a ninguém.

No castelo, em frente ao espelho a rainha perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu como antes:

— Aqui está a mais bela, minha Rainha querida. Branca de Neve é a mais bela que já vi.

— Branca de Neve tem que morrer! – vociferou. — Mesmo que me custe a vida.

A rainha entrou no calabouço, onde ninguém jamais pôs os pés, e fez uma maçã envenenada. A aparência da fruta encantada era maravilhosa – branca com as faces vermelhas –, se você a visse, você ansiaria comê-la. Mas bastaria a menor mordida para levar-lhe à morte.

Assim que terminou de preparar a maçã enfeitada, usando de artimanhas, transmutou-se desta vez na forma de uma velha camponesa e partiu para além das sete colinas, até a casa dos sete anões.

A bruxa bateu à porta. Branca de Neve olhou pela janela e disse:

— Não posso deixar ninguém entrar. Os sete anões não permitem isso.

— Está tudo bem – respondeu a velha camponesa. — Vou me livrar das minhas maçãs em breve. Aqui, vou lhe dar uma.

— Não – disse Branca de Neve. — Não devo aceitar nada de estranhos.

— Você tem medo de que esteja envenenada? – perguntou a velha. — Olhe, vou cortar a maçã ao meio. Você come a metade vermelha e eu como a outra branca.

A maçã havia sido feita de modo astucioso, apenas a parte vermelha tinha veneno. Branca de Neve estava com água na boca de tanto desejo pela bonita maçã e, quando viu a camponesa morder seu pedaço, não resistiu. Estendeu a mão para fora da janela e pegou a outra metade. Assim que mordeu, caiu morta no chão. A rainha, triunfante, olhou-a caída e desatou a rir:

— Branca como a neve, boca vermelha como o sangue, cabelos negros como o ébano! Desta vez, aqueles horríveis anões não conseguirão trazê-la à vida.

Chegando ao castelo, dirigiu-se de imediato ao espelho mágico e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

E, finalmente, a resposta:

— Ó Rainha, sois vós a mais bela do reino.

E a invejosa rainha mal podia se conter de tanta felicidade.

Ao cair da noite, os anões voltaram para casa e encontraram Branca de Neve caída no chão. Nem um sopro de ar em seus lábios. Ela estava morta. Ergueram-na para procurar algo em volta que pudesse ser venenoso. Desamarraram-lhe o corpete, pentearam-lhe o cabelo, lavaram-na com água e vinho, mas tudo foi em vão. A criança querida se fora e nada poderia trazê-la de volta. Depois de colocá-la em um esquife, todos os sete anões se sentaram ao redor e a velaram. Choraram a mais profunda tristeza durante três dias. Estavam prestes a enterrá-la, mas ela ainda parecia tão viva com belas bochechas vermelhas.

Um dos anões disse:

— Não podemos enterrá-la.

E, então, construíram um caixão de vidro transparente, que permitia Branca de Neve ser vista por todos os lados, com inscrições em ouro com seu nome e os dizeres que ali estava a filha de um rei. Levaram o caixão até o topo de uma montanha e mantinham sempre um deles em vigília. Os animais também foram lamentar por Branca de Neve; primeiro uma coruja, depois um corvo e, por último, uma pomba.

Branca de Neve permaneceu no caixão por um longo e longo tempo. Entretanto, seu corpo não se decompôs e dava a impressão de estar dormindo. Suas feições continuavam as mesmas, branca como a neve, boca vermelha como o sangue e cabelos negros como o ébano.

Certo dia, o filho de um poderoso rei atravessava a floresta quando chegou à casa dos anões para pedir hospedagem por uma noite. Quando subiu no alto da montanha, à procura dos donos da cabana, deparou-se com o caixão com a bela Branca de Neve deitada dentro dele, rodeado pelos sete anões. Leu os dizeres em letras douradas e, encantado com a beleza da princesinha, disse:

— Deixai-me levar o caixão. Eu darei o que pedirem.

Os anões responderam:

— Nós não venderíamos nem por todo o ouro do mundo.

O príncipe respondeu:

— Deem-me, então, como presente, pois depois que a vi não posso mais viver sem ela. Vou honrá-la e tratá-la como se fosse minha amada.

Os bons anões, comovidos com o profundo sentimento do príncipe, se apiedaram dele e lhe entregaram o caixão. O príncipe mandou vir seus servos, a quem ordenou que pusessem o ataúde sobre os ombros e o transportassem. Mas aconteceu que tropeçaram em um arbusto e o solavanco despreendeu o pedaço de maçã envenenada alojado na garganta de Branca de Neve. Ela prontamente voltou à vida e exclamou:

— O que aconteceu, onde estou?

O príncipe, radiante de alegria, disse:

— Você vai ficar comigo. – E contou-lhe o que acontecera. — Eu te amo mais que tudo no mundo! Venha comigo para o castelo de meu pai, seja minha noiva!

Branca de Neve sentiu um grande amor pelo príncipe e partiu com ele. Em breve, as núpcias foram celebradas com enorme esplendor.

A perversa madrasta de Branca de Neve também foi convidada para a festa do casamento. Vestiu suas mais belas roupas, postou-se diante do espelho e perguntou:

— Espelho, espelho meu, quem é a mais bela de todas?

O espelho respondeu:

— Minha Rainha, sois muito bela ainda, mas a jovem rainha é mil vezes mais linda.

A malvada mulher soltou uma maldição e estava tão paralisada de raiva que não sabia o que fazer. No começo, não queria comparecer à festa de casamento. Mas resolveu ir e conhecer a jovem rainha.

Quando entrou no castelo, Branca de Neve a reconheceu no mesmo instante. A madrasta, ao perceber que se tratava da princesinha, ficou tão aterrorizada que não conseguiu ceder um centímetro dali. Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre fogo em brasas. Foram levados por tenazes e colocados bem na sua frente.

A bruxa foi obrigada a calçar os sapatos de ferro em brasa e dançar em torno de si até, finalmente, cair morta.